



FERNANDO DE LIGÓRIO
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA
A QUIMBANDA NÃO VEM DA UMBANDA
OU A QUIMBANDA MATRIZ

Bastide (1985) afirma que houve uma cisão da Macumba do Rio de Janeiro em duas vertentes: o espiritismo de Umbanda e a magia de Quimbanda (p. 444), deixando entender que são duas vertentes totalmente diferenciadas, e que procedem de forma separada (p. 447) [...]. A Macumba é uma religião presente no campo religioso afro-brasileiro, inclusive o pesquisado por mim, e é confundida, muitas vezes propositalmente, com a Umbanda. E é possível medir quão próximo um terreiro possa estar da Macumba ou da Umbanda, através da análise da Quimbanda: quanto mais forte for o papel do Exu, mais Macumba o terreiro é.¹

A Umbanda de consolidou ritualisticamente a partir das Macumbas cariocas.²

Arthur Ramos (1903-1949), psiquiatra, psicólogo, etnógrafo, folclorista e antropólogo brasileiro, em sua obra de 1934, testemunha o uso fluído dos termos *umbanda* e *quimbanda* nas Macumbas do Rio de Janeiro; *umbanda* poderia ser sacerdote, feiticeiro, arte, o lugar aonde a Macumba acontecia, uma «nação» ou um espírito. *Quimbanda* era o nome do ritual.³

O que as evidências históricas apontam é um processo difuso onde a Macumba foi reinterpretada sob conceitos kardecistas, deixando de lado todos os elementos mais absurdos que poderiam ser identificados sob a alcunha de Quimbanda. Estes elementos estavam intimamente associados a uma classe de espíritos identificados como *exus* e *pombagiras*, espíritos que ao contrário dos *caboclos* e pretos-velhos podiam «fazer o mal». Sob a ideia kardecista⁴ de evolução espiritual, contudo, estes espíritos acabaram sendo reintegrados na medida em que abandonavam os trabalhos de maldade e se submetiam as regras dos bons espíritos. A palavra Quimbanda então adquiriu um duplo significado: quando integrada a Umbanda, representa a parte do ritual onde esses espíritos se manifestam, mas quando desassociada, representa magia negra e trabalhos para o mal.⁵

A *macumba*, religião sincrética de raiz banto, era palco da magia popular, de acordo com o nível intelectual e economicamente baixo da plebe das grandes cidades. [...] A *macumba* resulta no parasitismo social, na exploração desavergonhada da credulidade das classes baixas ou no afrouxamento das tendências imorais, desde o estupro, até, frequentemente, o assassinato.⁶

¹ Saulo Conde Fernande, CULTOS HÍBRIDOS NO QUE É AFRO-BRASILEIRO: QUAL A FRONTEIRA ENTRE UMBANDA, QUIMBANDA E CANDOMBLÉ? (artigo). Referência a Roger Bastide, AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL, Pioneira, 1985.

² Diamantino Fernandes Trindade, HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL: NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA, Editora do Conhecimento, 2018.

³ Humberto Maggi, QUEEN OF SEVEN CROSSROADS, Hadean Press, 2020. A obra de Arthur Ramos referida é O NEGRO BRASILEIRO, Editora Graphia, 1940.

⁴ [Nota de tradução]: A ideia não é, de fato, kardecista. Em sua obra A NOVA ERA E A REVOLUÇÃO CULTURAL (Vide Editorial, 2014), Olavo de Carvalho diz: A «origem das espécies» é de 1859. Hebert Spencer, no seu «Primeiros princípios», publicados em 1862, amplia o alcance das ideias evolucionistas, fazendo delas um princípio sociológico. Paralelamente, ocultistas como Allan Kardec e Madame Blavatsky pegam no ar o termo «evolução» e lhe dão um sentido místico, ou misticóide: já não são somente os anfíbios que evoluem em répteis, e estes em mamíferos; são as almas desencarnadas que, no outro mundo, evoluem em «seres de luz», subindo na escala cósmica enquanto os macacos descem das árvores.

⁵ Humberto Maggi, QUEEN OF SEVEN CROSSROADS, Hadean Press, 2020.

⁶ Roger Bastide, AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL, Pioneira, 1985.

O baixo espiritismo não é o dos humildes, é dos perversos, que o praticam por dinheiro, vendendo malefícios.⁷

Quimbanda, baixo-espiritismo ou magia negra, religião afro-brasileira, praticada pelos negros no Brasil [...]. A Quimbanda continua no firme propósito de manter as antigas tradições de seus descendentes africanos, ao passo que a Umbanda procura, pelo contrário, afastar completamente esse sentido incivilizado das suas práticas, devendo-se à influência do homem branco, cujo grau de instrução já não as admite.⁸

Nas Falanges de Linha Branca de Umbanda e Demanda já se identificaram índios de quase todas as tribos brasileiras, sendo que numerosos foram europeus em encarnações anteriores; pretos da África e da Bahia, portugueses, espanhóis, muitos ilhéus malaios, muitíssimos hindus. [...] A Linha Branca de Umbanda e Demanda tem seu fundamento no exemplo de Jesus, expulsando a vergalho os vendilhões do templo. Às vezes é necessário recorrer à energia para reprimir o sacrilégio, consistente na violação das leis de Deus em prejuízo das criaturas humanas.⁹

A Linha Branca de Umbanda nasceu para combater a Linha Negra da Quimbanda.¹⁰



Concordando com Roger Bastide no seu celebrado AS RELIGIÕES AFRICANAS NO BRASIL, a Macumba carioca foi a matriz do que hoje conhecemos com os nomes de Quimbanda e Umbanda como cultos separados, de espiritualidade¹¹ distinta.¹² O nome *macumba* foi uma designação capciosa inferida e amplamente disseminada por detratores de todos os tipos: jornalistas, policiais, políticos e religiosos cristãos fundamentalistas. Nunca foi, de fato, uma designação do culto.¹³ O nome *kimbanda* designava o ritual e o nome *umbanda*¹⁴ a arte da cura magística através do ritual, que incluía possessão (transe), consumo de fumo e álcool, pontos cantados e pontos riscados para finalidades taumatúrgicas diversas, imolação sacerdotal. Os espíritos que se apresentavam nas sessões não faziam distinção entre bem e mal, certo e errado segundo a moral vigente da sociedade. Por deveras eram de comportamento anti-social e caótico.¹⁵

⁷ Leal de Souza, O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA. Edição revisada e ampliada, Editora Aruanda, 2019.

⁸ Aluísio Fontenelle, EXU. Edição revisada, Parzifal Publicações, 2018.

⁹ Leal de Souza, O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA. Edição revisada e ampliada, Editora Aruanda, 2019.

¹⁰ Aluísio Fontenelle, EXU. Edição revisada, Parzifal Publicações, 2018.

¹¹ Um adepto com espiritualidade trata-se de um feiticheiro com conexões verdadeiras com espíritos, criaturas do reino da geração. Possuir espiritualidade quer dizer possuir assistência espiritual. Quem tem espiritualidade possui uma assistência espiritual de espíritos que constituem sua egrégora pessoal. Todo feiticheiro é acompanhado por espíritos tutelares, familiares, assistentes e servidores. Esse é um conhecimento fundamental para compreensão do que vem a ser o Conhecimento & a Conversação com o Espírito Tutelar.

¹² A expressão *espiritualidade distinta* significa que os espíritos que atendem na Quimbanda, os Poderosos Mortos, são distintos dos espíritos que se apresentam na Umbanda, como veremos abaixo.

¹³ Os rituais do culto eram celebrados ao som de quatro instrumentos de percussão, um deles é a *macumba*; por conta disso os críticos elegeram esse nome como designação pejorativa para o culto. Por outro lado, o termo *macumba* vem da raiz banto *maa-kiumba*, que significa *espíritos noturnos*. Veja Osvaldo Omotobátalá, EXU NA LEI DE KIMBANDA, artigo do autor, 2001.

¹⁴ Umbanda pode ser: i. ciência, arte, ofício; ii. cura ritual através do uso de ervas, pós e sacrifícios; iii. remédios, poções, unguentos; iv. divinação oracular necromântica ou através de espíritos menores como gênios, encantados ou demônios; v. feitiçaria para fins benéficos ou propósitos maléficis; vi. força espiritual (*ãşę*) transmitida por espíritos para finalidades diversas; vii. fetiches e objetos ritualísticos para conexão com espíritos. Veja Héli Chatelain, FOLK-TALES OF ANGOLA (Londres, 1894).

¹⁵ Um dos feiticheiros mais famosos da época era Juca Rosa, conhecido como o *chefe das macumbas* e o *feiticeiro negro*. Ele trabalhava com uma entidade que se chamava como Pai Quimbombo (protótipo do que viria a ser a classe de espíritos chamada de Pretos-Velhos na Umbanda); Juca descrevia essa entidade como *podendo fazer o bem quanto o mal*, uma virtude indelével de Exu e Pombagira (e de muitos «Pretos-Velhos de Quimbanda»).

O umbandista Diamantino Fernandes Trindade publicou um compendio de notícias sobre a prática da Macumba: *HISTÓRIA DA UMBANDA NO BRASIL: NOTÍCIAS HISTÓRICAS DA MACUMBA* (Editora do Conhecimento, 2018). Esta coleção de notícias, denúncias e queixas pintam um quadro interessante sobre como a feitiçaria tradicional brasileira¹⁶ era praticada e também como a sociedade carioca do Rio de Janeiro Imperial reagia a ela.¹⁷ Além disso, como as informações acerca da Macumba são muito escassas, a coletânea oferece um guia que esclarece e elucida este culto como a verdadeira e legítima matriz da Quimbanda, a verdadeira e legítima *Quimbanda Matriz*.¹⁸

Três pessoas são importantes para o resgate e o entendimento da Macumba carioca como a matriz da Quimbanda:

1. O jornalista Juca Rosa (1881-1921), cronista e tradutor que trabalhou para a *Gazeta de Notícias* de 1903 a 1913. Em 1904 ele fez uma incursão de pesquisa em vários cultos de feitiçaria e tradições espirituais praticadas no Rio de Janeiro Imperial. Essa pesquisa foi publicada sob o título de *AS RELIGIÕES DO RIO* em 1904. Trata-se do relato mais preconceituoso já escrito sobre as práticas espirituais afro-brasileiras, mas descreve o dia-a-dia de feiticeros e casas diversas.
2. O feiticero Juca Rosa, filho de mãe africana e nascido em 1833. Foi militar, trabalhou como alfaiate e cocheiro antes de assumir a vida sacerdotal. Operava com uma entidade que se apresentava como Pai Quimbombo (ou Quibombo) e dizia que este espírito podia tanto ajudar quanto atrapalhar qualquer pessoa através da feitiçaria. Os periódicos da época o chamavam de *o chefe das macumbas* e *o feiticero negro*. No Rio de Janeiro ele se estabeleceu em um bairro chamado Nova África (Rua do Núncio), onde atendia na frente de um congá de imagens. O bairro concentrava negros dissidentes do norte e nordeste do Brasil e na sua choupana ele atendia todo tipo de pessoas: escravos libertos, políticos, damas da alta sociedade e membros da corte; também bandidos, malandros, *capoeiras* e prostitutas do *buraco quente*;¹⁹ Juca Rosa era conhecido por provocar paixões, reduzir a potencia sexual de homens, causar aflição na mente das pessoas etc., tudo o que é imputado à conduta de um feiticero-kimbanda no Brasil hoje.

Juca fazia constantes viagens à Bahia na intenção de *purificar-se*. Vê-se aqui uma confluência ou troca cultural interessante, justificando o sincretismo que culminaria na Umbanda posteriormente. Em sua

¹⁶ Termo que designa o Culto de Exu no Brasil, a Quimbanda. A identidade da feitiçaria brasileira se cristalizou na década de 1900 com a Macumba carioca, porque concentrou toda influência africana, ameríndia e europeia em um fervilhante caldeirão de miscigenação cultural.

¹⁷ A designação pejorativa de *macumba* atingiu também as casas de Umbanda e de Candomblé. Por volta da década de 1930 todas as práticas religiosas afro-brasileiras recebiam a alcunha de *macumba*, o que dificulta o processo de pesquisa da Macumba como um culto isolado.

¹⁸ Não confundir com o movimento moderno derivado da Umbanda e denominado *Quimbanda Matriz*.

¹⁹ Designação dada a um lugar no Rio de Janeiro, o Morro do Trapicheiro, por volta de 1900, alcaça de vagabundos de todos os tipos, pivetes, capoeiras e prostitutas. É de ambientes assim que se formou o Reino da Lira na Quimbanda.

homenagem há um bairro na cidade de Eunápolis (Bahia) chamado Juca Rosa, próximo a BR101.

Sobre Juca Rosa, o pesquisador e ocultista brasileiro, Humberto Maggi, diz: *A história de Juca Rosa é de grande importância porque ela provê informação chave sobre a prática da Macumba no Rio de Janeiro, a Macumba sendo a principal fonte da Umbanda e da Quimbanda no século 20. A estrutura do ritual de Juca era claramente banto, muito embora ele tenha adotado outros elementos da religião católica cristã. Ele era um brasileiro livre nascido de uma escrava angolana, sua mãe sendo a principal fonte por trás de sua prática ritual. Em suas cerimônias ele era possuído através dos sons das macumbas, o instrumento de percussão que inspirou o nome de muitas práticas similares no Rio de Janeiro. O principal espírito que o possuía era chamado de Pai Quimbombo, um espírito que ele dizia poder fazer «tanto o bem quanto o mal». Como nós vimos, o conceito original banto de um ancestral trazendo boa ou má sorte era relatado pelos membros das famílias; com Juca Rosa, contudo, nós podemos ver que a expressão «tanto o bem quanto o mal» indicava a predisposição do espírito em atender as demandas boas ou más dos consulentes do médium. A expressão se tornaria uma indicação chave para os exus e pombagiras em oposição a outras categorias de espíritos que apenas atendiam o bem.*²⁰

3. O umbandista e primeiro escritor da Umbanda, Leal de Souza, médium e por muitos anos dirigente da primeira *Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição* junto ao seu guia espiritual, o Caboclo Corta-Vento. Jornalista, redator e poeta, nas décadas de 1920 e 1930 ele publicou uma série de artigos que juntos se tornaram o primeiro livro de Umbanda publicado no Brasil: *O ESPIRITISMO, A MAGIA E AS SETE LINHAS DE UMBANDA*.²¹

Nesses artigos é possível ver a evolução do pensamento de Leal de Souza acerca dos Exus em escala hierárquica, o que acabaria por criar a classificação ou denominação *Exu Pagão* e *Exu Batizado* (e outras como *Espadado* etc.) nas décadas de 1940-90. Em um texto intitulado *A magia negra* (29 de novembro de 1932), ele apresenta Exu como uma entidade miraculosa, detentora de poderes especiais, conhecimento e que se apresentava sobriamente, se comunicando civilizadamente. Mas em outro texto daquele mesmo ano, *Animais atuados* (30 de dezembro de 1932), Leal de Souza apresenta Exu como uma criatura dantesca, animalesca, bestial e demoníaca: *A enorme, a incontável legião de espíritos adestrados na prática do mal [...] são em geral denominados Exus. Formam essas entidades diversas categorias, subindo em*

²⁰ Humberto Maggi: *QUEEN OF SEVEM CROSSROADS*. Hadean Press, 2020.

²¹ Sua primeira publicação foi em 1925, *NO MUNDO DOS ESPÍRITOS* (vinculada ao jornal *A Noite*), e trazia suas pesquisas sobre as práticas religiosas diversas existentes no Rio de Janeiro. Somente na década de 1930 Leal de Souza começa escrever sobre a *Linha Branca de Umbanda e Demanada*. Para fazê-lo, seus primeiros artigos relatam a magia negra, a feitiçaria e a Macumba como *baixo espiritismo* (Quimbanda/Linha Negra) em oposição a Linha Branca de Umbanda. Sem compreender o contexto político e cultural do Rio de Janeiro Imperial na década de 1930 é por deveras difícil entender os esforços de Leal de Souza.

uma escala torva dos que se revelam quase bestiais aos que se requintam com conhecimentos superiores desgraçadamente empregados para fins funestos. Nesse artigo ele fornece informações sobre o comportamento vingativo de Exu e como os *Òrìṣà* têm o poder de detê-lo.

O que nós inferimos é que Leal de Souza influenciou uma miríade de escritores umbandistas que copiaram quase todas as suas ideias e interpretações sobre Exu. Dois deles foram Lourenço Braga e Aluízio Fontenelle.

Ambos escritores umbandistas, Lourenço Braga (década de 1940) e Aluízio Fontenelle (década de 1950) inauguravam uma nova era na Umbanda: eles tinham de lidar a todo modo com a presença de Exu. Até 1940 a Umbanda tentou branquear e salubririzar a Macumba: i. afastando a influência africana (banto e yorùbá) da Umbanda; ii. aproximando-a do kardecismo e ocultismo europeu; iii. denegrindo a Macumba como magia negra e *baixo espiritismo*;²² iv. trabalhando com espíritos evoluídos (Caboclos e Pretos-Velhos); v. demonizando e afastando a presença de Exu. No entanto, na década de 1940 há uma reviravolta na Umbanda: a *Tenda Espírita São Jorge* cujo dirigente espiritual era o Caboclo Tupinambás autorizou a presença dos Exus após as giras de Caboclos e Pretos-Velhos. A partir dessa reviravolta os umbandistas tiveram de lidar com Exu, uma entidade até então demonizada, antagonizada e expurgada da Umbanda.

Já que não era mais possível evitar a presença de Exu na Umbanda, os intelectuais umbandistas começaram a desenvolver ideias, muitas delas contraditórias e antagônicas, acerca da presença, da entidade e do trabalho com Exu. Até os dias de hoje a Umbanda não conseguiu definir quem são e qual é o trabalho dessas entidades, haja vista suas inúmeras ressignificações que os autores umbandistas têm feito. Então novas teorias umbandistas sobre a Quimbanda e os Exus têm proliferado desde 1940.²³

Lourenço Braga, tomando a ideia central acerca das Sete Linhas de Umbanda de Leal de Souza, então cria as Sete Linhas de Quimbanda na intenção de equilibrar o cosmos umbandista, de maneira que elas se completam, embora se antagonizem. É muito importante entender isso: as Sete Linhas de Quimbanda de Lourenço Braga foram criadas para cosmovisão da Umbanda e estão diretamente associadas a essa cosmo e antropovisão. Portanto, essas Sete Linhas de Quimbanda falam de um sistema *dependente* e *conectado* a Umbanda. Tentar tirar essas Sete Linhas de Quimbanda contextualizando-as dentro de outra cosmovisão, como assim o fazem muitos seguimentos modernos de Quimbanda, é trabalhar com um sistema aleijado. As tradições de Quimbanda que usam essa estrutura criada por Lourenço Braga estão *conec-*

²² Até porque a Umbanda era diretamente associada a Macumba e ela precisava se desassociar, provando ser outra coisa diferente: enquanto uma era *baixo espiritismo* (Quimbanda/magia negra), a outra era o *alto espiritismo* (Umbanda/magia branca) de refinamento religioso, moral e filosófico.

²³ Veja Lenny Francis Campos de Alvarenga, *AS RESSIGNIFICAÇÕES DE EXU DENTRO DA UMBANDA*. Universidade Católica de Goiás, departamento de Ciências da Religião, 2006.

tadas e são *dependentes* da Umbanda, constituindo a denominação ou tronco *Quimbanda Cruzada*.

Aluizio Fontenelle, também seguindo as interpretações de Leal de Souza, sustenta que a Quimbanda (a Macumba carioca) trata-se da *linha negra* e que a Umbanda ou *linha branca* trata-se de um esforço dos planos astrais superiores para deter a Quimbanda, nascida para essa finalidade única. Ele então associa os Exus aos demônios de um grimório europeu do Séc. XVIII e, diferente de Lourenço Braga, não assume as Sete Linhas de Quimbanda, apresentando apenas duas linhas ou reinos de Exus: as encruzilhadas e os cemitérios. Então Fontenelle, embora enganado ao tentar estabelecer equivalência entre Exus e demônios, é mais coerente ao apresentar a Quimbanda (Macumba) como movimento separado da Umbanda.

Então a Macumba, cujo ritual era chamado de *kimbanda*, por um lado foi a matriz que deu forma a prática e cosmovisão de Umbanda; por outro lado ela deu forma também a Quimbanda como a conhecemos hoje, independente da Umbanda. E muito embora dois troncos de Quimbanda (Cruzada/1940 e Tradicional/1960) tenham surgido da Umbanda, a Quimbanda como movimento independente floresceu a parte e com uma estrutura distinta. Não há como negar, portanto, a importância da Umbanda na formação da Quimbanda de hoje,²⁴ mas não há como negar também que: i. é a Umbanda que vem da Quimbanda (Macumba); ii. a Macumba acabou por se desenvolver e se refinar na Quimbanda independente como a conhecemos hoje.

Para finalizar este opúsculo de meditação, duas palavras ainda.

A espiritualidade que alimenta a Umbanda é distinta daquela que alimenta a Quimbanda. A Umbanda opera com espíritos catequizados e doutrinados em vida pelo cristianismo; a Quimbanda trabalha com espíritos que em vida eram avessos, antagonizavam e se opunham ao cristianismo, expurgos e espúrios sociais. Isso significa que a espiritualidade que alimenta essas tradições tem hereditariedade no grande caldeirão cultural do *primeiro momento* do Culto de Exu no Brasil, no período colonial. Nós tratamos deste tema no texto *A Tradição de Quimbanda*.²⁵

A maneira *como* os espíritos se apresentam nessas tradições depende sempre das convicções dos médiuns. Palavras sábias apresentadas pelo Exu Pantera Negra, diretor espiritual do *Terreiro Cova de Cipriano Feiticeiro*:

Nós estamos aqui para trabalhar meu filho. Nossa intenção sempre é uma e a mesma: trabalho! A maneira como vocês nos veem é a maneira de vocês e para nós, espíritos, isso não importa. Nunca importa! Isso é importante para vocês, não para nós. Nós estamos aqui para trabalhar! Nos enxerguem como queiram: diabos, indolentes ou obscuros, não importa. Nós chegamos, fazemos o trabalho e vamos embora.

Laroyê Exu é Mojubá!

²⁴ As Sete Linhas de Quimbanda que compõem os cosmos umbandista então influenciaram a criação dos Sete Reinos da Quimbanda como hoje conhecemos na cosmovisão e antropovisão da Quimbanda. Veja Humberto Maggi: *QUEEN OF SEVEN CROSSROADS*. Hadean Press, 2020.

²⁵ Veja Osvaldo Omotobátalá, *EXU NA LEI DE KIMBANDA*, artigo do autor, 2001.

© 2020 Fernando Liguori

<https://www.filosofiaoculta.com/>
srikulacara@gmail.com

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste documento pode ser utilizado ou reproduzido – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriado ou estocado em sistema de banco de dados ou mídia eletrônica, sem a expressa autorização do autor.